

O tratamento dado à violência e veiculação de condutas pró-sociais nos desenhos infantis exibidos pela televisão Cultura¹

Bruna Fernandes MACHADO²

Carlos Alberto de SOUZA³

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

Resumo

A TV Cultura atualmente é uma das poucas emissoras de cobertura nacional que transmitem desenhos animados diariamente e é a principal televisão educativa do Brasil. Neste cenário, o trabalho objetiva problematizar o tratamento que as animações transmitidas por esse canal destinam para as ações violentas e as ações pró-sociais que refletem no comportamento cotidiano das crianças. Para análise, foram coletados episódios selecionados das animações Pocoyo, Doug, Historietas Assombradas e Osmar. Para a realização desse trabalho, adotou-se a abordagem qualitativa e o Método da Análise de Conteúdo. Com as análises, busca-se demonstrar os tipos de condutas pró-sociais veiculadas na programação, estabelecendo um contraponto com as cenas de violência.

Palavras-chave

Comunicação; Público Infantil; Televisão aberta.

Introdução

A televisão tem uma função educativa importante no meio social, principalmente junto ao público, por seu caráter massivo. Por essa razão, seu papel na sociedade é tão discutido e questionado, especialmente quando o assunto em debate é a programação infantil, os desenhos animados.

A partir da análise de sete episódios de cada um dos desenhos animados Pocoyo, Doug, Historietas Assombradas para Crianças Malcriadas e Oscar, a última fatia do pão de forma, exibidos na TV Cultura, coletados no período compreendido entre 07 de abril de 2015 a 28 de junho de 2015, a pesquisa busca verificar as condutas que norteiam os desenhos animados, que muitas vezes são referências de comportamento. “As crianças, em especial,

¹ Trabalho apresentado no DT IJ 06 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UEPG, Integrante do grupo de pesquisa Fotojornalismo, Imagem e Tecnologia do Departamento de Jornalismo e do grupo de extensão Fotorreportagem UEPG (Foca Foto). E-mail: brunafernandes.sm@gmail.com

³ Professor Doutor em Ciências Humanas pela UFSC. Integrante do quadro de docentes do curso de Jornalismo da UEPG. Orientador do trabalho. E-mail: carlossouza2013@hotmail.com

imitam o que veem na tela ou incorporam padrões de comportamento por ela propostos”. (BRANDURA, 1965, apud NJAINE; MINAYO 2004, p. 203). Mas, ao mesmo tempo em que podem colocar em prática a violência exibida na tevê, podem aprender também a ser conciliadores e construtivos se observarem modelos positivos, conforme observa.

Breve trajetória sobre televisão e programação infantil no Brasil

A primeira transmissão de televisão no Brasil aconteceu, de acordo com Mattos (2009), em 1950 pela TV Tupi, que também foi a primeira transmissão na América Latina. Segundo o autor, nessa época haviam somente 200 aparelhos televisores no país, que pertenciam as famílias mais abastadas, já que “o preço de um televisor era três vezes maior que o da mais sofisticada radiola da época, pouco menos que um carro” (MATTOS, 2009, p. 81), e tinham que ser importados de outros países. Mattos (2009) explica também que a produção dos programas ainda era muito limitada, sujeita a muitas falhas e improvisações.

No ano seguinte, a TV Tupi transmite o primeiro programa televisivo destinado ao público infantil, chamado Gurilândia, que era veiculado aos domingos. De acordo com Colvara (2007), ele consistia na reprodução de um programa de rádio da época, em que crianças declamavam poesias, cantavam e tocavam músicas, tornando-se referência para a produção de outros programas destinados a crianças, mas, mesmo assim, ainda não havia a veiculação de desenhos animados, pois somente em 1953 os desenhos animados começam a ser exibidos durante o programa Zig Zag, na TV Tupi, que também exibia teatro e filmes. Com a inauguração da TV Record em 1954, ganhou-se também mais um canal com a transmissão de desenhos animados e programas destinados a crianças.

Colvara (2007, p. 3), destaca a preocupação existente com os estímulos que eram transmitidos:

Os programas infantis desta época refletem uma preocupação com a cultura transmitida e com o estímulo à leitura, por isso os teatros infantis com obras relevantes da literatura infantil. As gincanas [que aconteciam durante os programas] também tinham este fundo cultural, uma vez que exploravam conhecimentos gerais sobre literatura, música e artes como também a expressão artística das crianças. Os desenhos [também] começam a ter seu espaço na programação

É evidente a preocupação com o planejamento desses programas para divertir as crianças e também informá-las sobre literatura, música e artes visuais; bem como mostrar caminhos

para a boa convivência social, transformando a televisão em uma maneira de educar e orientar o público infantil.

Desenvolvimento da TV Cultura

Como consta na obra de Mattos (2009), em 1958 a TV Cultura foi inaugurada na cidade de São Paulo. A princípio, tinha compromisso em transmitir programas destinados à educação e a cultura para o público adulto, ou como Leal Filho (1988, p. 50) aborda, “a primeira proposta está na própria origem da emissora como uma forma de enfrentar o ‘popularesco’ da televisão comercial. Tratava-se de criar uma televisão para as ‘elites cultas’”. Buscando esse objetivo, dois anos após ser inaugurada, a TV Cultura começou a exibir “o primeiro Telecurso, destinado a preparar candidatos ao exame de admissão ao ginásio” (MATTOS, 2009, p.86), enquanto outros canais só começam a realizar cursos televisivos semelhantes em 1962, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A proposta de ser uma emissora para pessoas cultas e ignorar as práticas populistas dos canais comerciais não funcionou por muito tempo. Leal Filho (1988) explica em sua obra que a TV Cultura acabou adotando práticas populistas como a produção de novelas e programas de auditório, para atrair audiência, pois “viam-se também diante do absurdo de utilizar dinheiro público para fazer uma televisão de ‘circuito fechado’, para uma audiência escassa” (LEAL FILHO, 1988, p. 50), e, de acordo com o autor, essa programação tinha tanto o objetivo de elevar a audiência, quanto de sustentar mensagens “político-eleitorais”. A TV Cultura buscava, de maneira geral, chegar a um meio-termo entre o conteúdo mais elitista e o mais popular, mas continuou por muitos anos sem ter objetivos definidos, sem saber para qual público destinar a programação e demonstrando amadorismo em suas produções.

De acordo com Mattos (2009), em 28 de fevereiro de 1967, durante a ditadura militar, o Decreto-lei nº 236 modifica o Código Brasileiro de Telecomunicações, que passou a proibir que canais educativos transmitissem nada que não fossem tele aulas, conferências, palestras e debates, e também decretou “a obrigatoriedade de transmissão de programas educativos por emissoras comerciais” (CARNEIRO, 1999, p. 30). Dessa forma, a programação da TV Cultura só se tornou mais “livre” quando ela passou a ser administrada pela Fundação Padre

Anchieta em 1969, mas a falta de objetivo e a dúvida entre criar uma programação elitista ou popular persiste. Leal Filho (1988, p. 59) busca resumir esses acontecimentos:

A proposta populista surge timidamente nos primeiros anos da emissora, dividindo alguns espaços com a proposta elitista, desaparecendo quase totalmente durante os meados da década de 70 para ressurgir com força total e tornar-se hegemônica na virada dos anos 80. A proposta intermediária [...] tem sua hegemonia entre 76 e 79. E a proposta popular vive dois breves momentos de hegemonia: alguns meses entre 75 e 76 e, depois, entre 83 e 84.

Programação infantil na TV Cultura

Na década de 70, mais especificamente em 1972, a TV Cultura começou a investir na produção de programas infantis e se consagrou com a realização destes. Segundo a Fundação Padre Anchieta (2014), o primeiro programa realizado e transmitido foi Vila Sésamo, uma produção em parceria com a TV Globo, e baseada no programa norte americano Sesame Street. Mas como Sousa (2010) indica, principalmente de 1987 a 1998 essa programação (que até hoje serve como referência para programas do gênero) tomou forma, e chegou a atingir 12 pontos no ibope, o que equivale a aproximadamente 720 mil domicílios em São Paulo.

De acordo com Souza (2004), na metade da década de 1990, aproximadamente 31% da programação da TV Cultura era do gênero infantil e 24% eram de séries, que também continham alguns programas destinados a crianças e demais series educativas: “o objetivo da emissora é a produção de programas do gênero educativo, o que ocupa 15% da programação. [...] A Cultura é, de longe, a emissora que mais transmite programas da categoria educação” (SOUZA, 2004, p.80). Os anos 2000 colheram os frutos da década de 1990, programas produzidos nessa época continuaram sendo transmitidos até os dias atuais pela TV Cultura, pois “novas gerações de crianças fazem de velhos programas infantis um exemplo de que produções de qualidade não envelhecem” (SOUZA, 2004, p.81).

A Rede Cultura [...] imprimiu um padrão de qualidade nos programas infantis com suas produções Castelo Rá-Tim-Bum [1994] e Glub-glub [1991], que transformaram o gênero de atração familiar. Chegou até a figurar no horário nobre, tornando-se opção no horário dominado pelas novelas. (SOUZA, 2004, p. 116)

O programa Glub-Glub estreou em 1991, e foi o primeiro a transmitir desenhos animados na TV Cultura. Os personagens principais eram dois peixes, que comentavam os desenhos exibidos de forma bem-humorada e falavam sobre a vida no mar. “O programa exibia [...] desenhos animados completamente diferentes, reunindo filmes estrangeiros e criativos sobre os mais variados e inusitados temas” (FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA, 2014), e também exibia (e continua exibindo) produções do cineasta brasileiro Cao Hambúrguer.

Por ter se consagrado com as produções de programas infantis, boa parte da bibliografia sobre a TV Cultura enfatiza esse gênero televisivo, deixando de lado uma análise que priorizasse os desenhos animados deste canal. Nas televisões comerciais como Globo e Record já eram transmitidos desenhos como Pica-Pau, Jetsons e Tom & Jerry, desde meados da década de 60. Esses canais também costumavam a exibir programas de auditório para crianças, e na apresentação dessas produções “houve a introdução do padrão loira e bonita, como a Xuxa, Angélica e Eliana [...] e outras nem sempre loiras, mas com o mesmo apelo de beleza e sensualidade” (SOUZA, 2004, p. 116). Esse autor menciona também que a TV Cultura quebrou esse conceito de apresentação ao introduzir um padrão diferenciado em suas produções.

Compromisso da TV Cultura com os programas educativos: estímulo as ações a favor da sociedade e da não-violência

Atualmente esta emissora educativa dedica aproximadamente seis horas diárias para o público infantil, o equivalente a 25% do que é exibido durante a semana. Esse período é dedicado a desenhos animados como Doug, Os Sete Monstrinhos; e programas como Castelo Rá-tim-bum, Que Monstro Te Mordeu e outros. Há também o programa Quintal da Cultura, que tem uma proposta similar ao antigo Glub-Glub, exibindo desenhos animados brasileiros e estrangeiros entre uma apresentação e outra dos palhaços que conduzem o quadro. A emissora comercial TV Globo, por exemplo, dedica cerca de 3h semanais ao público infantil, o que equivale a 1,78% da programação do canal. Essas poucas horas de programação infantil estão concentradas nas manhãs de sábado, exibindo apenas alguns desenhos animados importados. De acordo com Beth Carmona em entrevista a Sousa (2010), TVs comerciais como a rede Globo estão desistindo da programação infantil devido às restrições impostas sobre a publicidade infantil na TV aberta, e, sem ter como sustentar esses programas, as emissoras desistem de produzi-los, também por que cada vez mais o

público consome o que é transmitido 24 horas por dia na TV por assinatura. A entrevistada salienta que “é preciso tomar cuidado com esse radicalismo. Se não houver programas infantis, as crianças verão programas adultos. Como já fazem, aliás” (SOUSA, 2010).

O problema em crianças começarem a consumir programas destinados a adultos, é que elas “imitam o que vêem na tela ou incorporam padrões de comportamento por ela propostos [...] e à medida que a criança cresce, as mudanças se tornam mais difíceis” (BRANDURA, 1965, apud NJAINE; MINAYO 2004, p. 203). Esses padrões podem acarretar em “transtornos alimentares, a erotização precoce, reações violentas e alcoolismo”. (ANDI, 2011, p. 91). Então, para que crianças aprendam a serem mais construtivos, e a não cultivar a violência e esses maus hábitos, é ideal que tenha uma programação destinada especificamente para orientar esse público.

Também como forma de orientar a programação educativa no Brasil, foi criada a Rede Pública de Televisão (RPTV), que, desde 1999 transmite efetivamente a programação da TV Cultura e da TV Educativa do Rio de Janeiro para todas as retransmissoras do país “passando a transmitir uma programação única em tempo real durante seis horas diárias no horário nobre”, (MATTOS, 2002, p. 224) para todas as retransmissoras educativas públicas.

As emissoras TV Cultura e TV Educativa do Rio de Janeiro são orientadas e reguladas desde 1999 pela Associação Brasileira de Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (Abepec) e,

Por tais critérios [dessa Associação], as tevês educativas comprometem-se, entre outras funções, a trabalhar para o bem da sociedade, educando, informando e entretendo; a buscar a inclusão social, a defesa de pluralidade e das minorias, a formação da identidade cultural; a promover o respeito à inteligência, à sensibilidade e ao espírito crítico; a repudiar estímulos ao consumo e a formas de violência. (CARVALHO, 2005, p. 08).

Uma forma de repúdio a violência é estimular as atitudes que beneficiam a vida em sociedade e o bem-estar do cidadão: promover ações pró-sociais. Para alcançar isso, a TV Cultura costuma exibir desenhos animados que mostram ações em prol do bem comum da sociedade e dos cidadãos, exemplificando o cooperativismo, a empatia, tolerância, respeito,

etc, por meio da situação problema apresentada em cada desenho animado ou programa infantil.

Duarte, Leite e Miligora (2006) classificaram, a partir de sua pesquisa com 986 crianças de 9 a 11 anos, três categorias de coisas que fazem parte do "lado bom da tevê", que são: "as coisas boas da televisão" - classificação que engloba conteúdos de entretenimento, de diversão. A categoria "Coisas práticas", que são coisas "úteis para a vida prática, [...] regras de convívio social e hábitos de higiene" (DUARTE; LEITE; MILIGORA, 2006, p. 502). Há ainda a categoria "Educativo", que "diz respeito especificamente às coisas que as crianças precisam saber, habilidades que precisam desenvolver para ser alguém na vida ou vir a ser adulto, além de informações que servem para a escola." (DUARTE; LEITE; MILIGORA, 2006, p. 502). Entre essas "coisas boas da tevê" que as crianças envolvidas na pesquisa pontuaram, estão os desenhos animados, telejornais e programas educativos.

No estudo dessas autoras, foi identificado também que as crianças de 9 a 11 anos, objeto da pesquisa, "se dizem preocupadas com os equívocos da televisão, sobretudo o excesso de imagens de violência e o que [essas crianças] consideram 'maus exemplos'" (DUARTE; LEITE; MILIGORA, 2006, p. 508).

As crianças criam um fascínio pelas aventuras dos heróis violentos e agressivos nos desenhos animados, os "maus exemplos", e nos dias de hoje Como pontua Kasprzak (1997, p. 50), "os produtores dos programas para crianças estão mais atentos a esse fascínio e não economizam na exploração do imaginário infantil, veiculando cenas de violência e crueldade". Os produtores muitas vezes caracterizam a violência como uma forma "divertida" de "relação" entre os personagens, e também "os desenhos animados [...] possuem um modo próprio de lidar com a morte. O que se percebe é uma maior atenção à violência. É violência o tempo todo, como se isso retratasse o cotidiano dos espectadores" (SOUZA; SOUZA; CRUZ, 2006, p. 225). Mas também por outro lado, como Meirelles (1991 apud KASPRZAK, 1997, p. 50) aborda,

Não se pode generalizar e reduzir a televisão a uma instância maléfica, produtora de desajustes, quando encontramos programas como os da TV Educativa, nos quais o objetivo é o preparo da criança tanto nos aspectos cognitivos quanto sociais e emocionais.

Portanto é cada vez mais importante que haja iniciativas contrárias as atitudes de violência nas programações televisivas, e também na produção de programas veiculados em outros meios e formatos de comunicação como a internet. E é clara também a necessidade de serem realizados estudos de recepção como forma de guiar a criação desses quadros, sem deixar de lado os inúmeros estudos acadêmicos que visam propor novos métodos de produção e abordagem, para ajudar a elaborar nas crianças a boa convivência social e ajudar também na construção dos valores morais e éticos.

Ações representadas nos desenhos animados exibidos na TV Cultura

Para a realização desta pesquisa, foram coletados sete episódios de cada uma das animações: Pocoyo, Doug, Historietas Assombradas e Osmar. Os episódios foram coletados no período compreendido entre 07 de abril de 2015 a 28 de junho de 2015.

No desenho animado Pocoyo, o protagonista é um menino de três anos que dá nome ao seriado e vive diferentes aventura com seus amigos Pato, Elly a elefante, a cachorrinha Lula, entre outros. Todos os episódios seguem um roteiro similar: é apresentado uma situação nova que gera algum problema, e essa situação se desenrola até ter um final feliz, com alguma atitude pró-social, o que equilibra as ações violência com as ações que visam o bem-estar social em cada episódio. Sempre há a interação dos personagens com o narrador, mas ainda assim os personagens falam pouco: a ênfase é nas ações vivenciadas pelos personagens.

Figura 1 – Desenho animado Pocoyo



As ações negativas mais tratadas na pesquisa dos sete episódios analisados foram o “individualismo” (quatro episódios), seguido de “medo” (dois episódios) e “vandalismo” (um episódio). Por sua vez, as ações positivas mais estimuladas foram pedidos de desculpas

(3 episódios), seguido do trabalho em equipe/auxílio/colaboração (dois episódios), incentivo e solidariedade (ambos com 1 episódio cada). Sendo assim em todos os desenhos analisados houve equilíbrio entre as ações de violência e nas ações pró-sociais, contudo a intenção do narrador nesses desenhos é mostrar o caminho certo, para quem assiste a série. É preciso ter em conta que o desenho é direcionado a crianças na faixa etária de 2 a 6 anos. O mesmo não acontece em outros desenhos, fato que será apresentado no desenvolvimento do trabalho.

Na animação *Historietas Assombradas para Crianças Malcriadas*, são retratados os acontecimentos na vida de Pepe, uma criança egoísta, preguiçosa e com alguns hábitos de crianças tidas como "malcriadas". Ele tem aproximadamente 11 anos e vive com sua avó feiticeira, que fabrica itens mágicos para venda em sua loja online. Como a avó fabrica esses itens e pede para Pepe entregá-los; ele, seu cachorro Ramirez, e seus amigos Marilu, Roberto, Guto e Gastón sempre acabam se envolvendo em confusões que geralmente incluem criaturas sobrenaturais, e o trabalho das crianças na tentativa de resolver (ou não) o problema. Em várias das ocasiões a avó do Pepe acaba por salvá-los.

Figura 2 – Cena do episódio “Sérgio” do desenho animado *Historietas Assombradas*



Nos episódios analisados, a ação violenta agressão física é representado duas vezes; agressão verbal também acontece em dois episódios. Esses são os tipos de ações mais comuns. Uma ação negativa, mas não necessariamente violenta, que aparece na animação é o medo e a desobediência. As ações pró-sociais mais demonstradas ao longo dos episódios são trabalho em equipe, auxílio e colaboração, representadas cinco vezes, e a solidariedade, que aparece duas vezes. Existem também episódios que não veiculam nenhuma boa ação e nenhuma ação violenta, a maioria dos episódios apresentam um equilíbrio entre esses tipos de atitudes. É necessário considerar que esse desenho é destinado a crianças de

aproximadamente 10 anos, mas a classificação indicativa é livre (destinada a todos os públicos).

No desenho animado Doug, o menino de 11 anos é o protagonista. Esse menino é tímido e tem muitos medos e ansiedades sobre suas relações sociais com seus colegas da escola e com sua família, aparentemente por estar entrando na puberdade. Doug, quando está em “crise” de timidez, começa a imaginar soluções, ou que seus problemas são muito piores ou que irão gerar muito mais confusões do que realmente são, até que ele termina de imaginar, encontra uma maneira de solucionar e se acalma quanto aos seus problemas.

Figura 3 – Personagem Doug e seu cachorro “Costelinha”



Em “Doug” os episódios sempre terminam estabelecendo um equilíbrio entre as ações pró-sociais e as ações de violência. Por ser destinado a princípio para crianças em torno dos 10 anos de idade, mesmo que tenha classificação indicativa livre, a animação aborda os problemas que estão presentes frequentemente no cotidiano dos pré-adolescentes. As ações violentas mais presentes na animação são as agressões verbais (4 vezes), a ação negativa individualismo e também o medo (uma vez em cada). Das ações pró-sociais, quatro dos sete episódios coletados abordaram o trabalho em equipe, auxílio e colaboração, seguido da solidariedade (2 vezes). As ações positivas coragem e respeito também foram abordadas.

Já na animação “Osmar, a primeira fatia do pão de forma” os episódios se passam na cidade fantasia de Trigueirópolis, a “cidade do café da manhã”, em que todas as personagens e até o cenário são relacionados a essa refeição. Os prédios, locais comerciais e casas são embalagens de cereal, garrafas e caixas de leite e os habitantes da cidade são diferentes tipos de pães, doces e queijos.

Figura 4 – Ilustração dos personagens do desenho animado “Osmar”



Osmar é o protagonista da animação, ele é uma fatia de pão de forma, representa o estereótipo de um “fracassado”, já que a primeira fatia costuma ser rejeitada pelos consumidores. Assim, ele sempre tenta se tornar mais famoso, mais popular entre as personagens e menos rejeitado, contando com a ajuda de seus amigos. Este desenho animado se caracteriza principalmente por haver poucas ações violentas, bem como mostra poucas ações pró-sociais. Os episódios, em geral, são equilibrados. Dos sete episódios coletados, somente dois apresentaram a ação negativa individualismo, seguido de uma vez em que foi apresentada violência física e agressão verbal. Das ações positivas, por sua vez, só uma vez foi observado o trabalho em equipe, auxílio, colaboração e incentivos/elogios.

Conclusões

A TV Cultura é a emissora educativa nacional mais influente no país. Sua cobertura nacional marcou vários momentos da televisão brasileira. Sua programação destinada ao público infantil, especificamente, serve até hoje como modelo para as outras emissoras e marcou época, chegando a ter mais audiência em horário nobre do que as emissoras comerciais

Eleita em 2014 pelo Instituto Populus como o segundo canal de melhor programação entre 66 principais redes de televisão de 14 países (CARVALHO, 2014), a TV Cultura continua sua tradição de ser o canal aberto com maior e melhor transmissão de programação infantil.

A emissora utiliza aproximadamente seis horas diárias de sua programação para as crianças, apesar de atualmente não ter grandes equipes de profissionais para desenvolvê-los por conta própria, principalmente por frequentes cortes de verba. A última diminuição de verbas foi

do Governo do Estado de São Paulo, que apoiava a Fundação Padre Anchieta, mantenedora do canal, e agora a TV Cultura enfrenta uma grave crise financeira (CABRAL, 2015).

O presente artigo busca mostrar a importância deste canal como emissora aberta, educativa, de transmissão nacional e, principalmente, por ter enfoque na programação infantil. Os sentidos que os desenhos animados transmitidos produzem, e como eles podem influenciar no comportamento das crianças por meio das atitudes que são apresentadas em seu enredo, são itens importantes para compreender a importância de analisar os desenhos animados, para que se tenha conhecimento sobre a qual programação as crianças estão sujeitas a consumir na TV aberta do Brasil.

Com as amostras analisadas, é possível constatar que os desenhos animados transmitidos pela TV Cultura tratam diversos temas comuns no cotidiano infantil, demonstrando equilíbrio entre ações negativas e positivas, com o objetivo de servir como orientação para o comportamento e para as decisões a serem tomadas pelas crianças diariamente em seu cotidiano.

O medo é um sentimento trabalhado nos quatro desenhos animados analisados nesse trabalho, assim como a presença do trabalho em equipe, a colaboração mútua entre os personagens. Há muitas diferenças ao tratamento dado as atitudes pró-sociais e as atitudes de violência entre os desenhos animados apresentados, mas cada um deles também costuma demonstrar ações que visam atitudes para o bem comum da vida em sociedade.

Referências bibliográficas

CABRAL, V. T. Sem verbas do governo de SP, TV Cultura corta programas. **Portal Metrópole**, 10 ago 2015. Disponível em <<http://portalmetropole.com/2015/08/sem-verbas-do-governo-de-sp-tv-cultura.html>>. Acesso em 14 ago 2015.

CARVALHO, L. TV Cultura tem 2ª melhor programação do mundo, diz pesquisa. **Revista Exame**. São Paulo, 31 jan 2014. Disponível em <<http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/noticias/tv-cultura-tem-2a-melhor-programacao-do-mundo-diz-pesquisa>>. Acesso em 18 abr. 2016.

CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. **Castelo Rá-Tim-Bum: o educativo como entretenimento**. 1 ed. São Paulo: Annablume, 1999. 226 p.

CARVALHO, Cristiane Mafacioli. Uma reflexão sobre o papel dos canais educativos no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005. Rio de Janeiro, **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/34269897275230435867749488493462158218.pdf>>. Acesso em 19 abr. 2016.

COLVARA, Lauren Ferreira. Os Programas Infantis e sua trajetória na TV aberta brasileira: os casos mais importantes. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5, 2007, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Intercom, Facasper e Ciee, 2007. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0163-1.pdf>>. Acesso em 17 abr. 2016.

DUARTE, Rosália; LEITE, Camila; MILIGORA, Rita. **Crianças e televisão: o que elas pensam sobre o que aprendem com a tevê.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 497-564, set./dez. 2006

FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA. **Linha do Tempo Tv Cultura.** Disponível em: <<http://cmais.com.br/fpa/decada-70>>. Acesso em 10 abr. 2016.

KASPRZAK, Roselene Gurski. **Desenhos animados em tempo de violência: uma contribuição para pensar a construção de valores sócio-morais em crianças pré-escolares.** 1996, 138 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16432/000194632.pdf?sequence=1>>. Acesso em 16 abr 2016.

LEAL FILHO, Laurindo. **Atrás das câmeras: relação entre cultura, Estado e televisão.** 2 ed. v 29. São Paulo: Summus editorial, 1988. 104 p.

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política.** 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. 248 p.

NJAINE, Kathie; MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **A violência na mídia como tema da área da saúde pública: revisão da literatura.** Ciência & Saúde Coletiva, v.9, n.1, p. 201-211, 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n1/19837.pdf>> Acesso em 14 dez 2014.

REDE ANDI BRASIL. **Infância e comunicação: referências para o marco legal e as políticas públicas.** Brasília: ANDI, 2011.

SOUSA, Ana Paula. "TVs abertas desistiram da produção infantil". **Folha de S. Paulo.** São Paulo, 05 jan 2010. Caderno Ilustrada. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0501201019.htm>>. Acesso em 06 dez 2014.

SOUZA, Carlos Alberto de; SOUZA, Andréia de; CRUZ, Isadora Pruner. **A “morte” nos desenhos infantis exibidos nos canais aberto de televisão.** ECO-PÓS, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p.215-229, janeiro/julho 2008. Disponível em <http://www.revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1009/949>. Acesso em 16 dez 2014

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira.** 1 ed. São Paulo: Summus editorial, 2004. 197 p.